

Paisagem cultural no Território Federal de Roraima na Amazônia: uma história marcada pelo “Milagre Amarelo” (1968-1978)

Rosângela Maria Bezerra da Costa

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fronteira Sul
Campus Chapecó/SC (UFS)
rosangela.dacosta@estudante.ufs.edu.br

Jaisson Teixeira Lino

Orientador Professor Doutor do Departamento de História da UFS Campus Chapecó/SC (UFS)
lino@ufs.edu.br

Resumo

Roraima é um Estado marcado por grandes conflitos principalmente a luta dos indígenas pelo direito a posse da terra, e a garimpagem. Em sua construção surgem pautas voltadas para o garimpo, este serviu para promover o adensamento populacional do território, que viria a ser a atividade econômica impulsionadora do projeto de integração nacional no período militar. Atual Boa Vista, Capital de Roraima abriga características visíveis em sua Paisagem Cultural, a exemplo a alusão ao monumento o “Garimpeiro”, a Feira do Garimpeiro, a Rua do Ouro, resquícios da época áurea da exploração do minério. Descrever via fatos/acontecimentos como se caracterizou a Paisagem Cultural do então Território Federal de Roraima integrante da Amazônia Brasileira, é a proposta desde estudo a partir da inserção garimpeira no período histórico desse rincão do lavrado descrito na bibliografia de Roraima como o “Milagre Amarelo” (1968-1978). Na busca por melhores resultados optou-se pela análise de conjuntura, por ser um dos métodos bastante aplicado em estudos dos fenômenos sociais do presente/passado, possibilitando observar os fatos, sua conjuntura e suas estruturas históricas, e revisão bibliográfica na literatura. Constatou-se que em parte a caracterização das Paisagens Culturais de Boa Vista foram sim influenciadas pela imersão do “garimpo” em sua formação histórica-sociológica, cultural e econômica, e ocorreu em parte por uma série de medidas e ações estratégicas lançadas em prol da territorialização em consonância com os princípios dos governos militares. Vale ressaltar que existem forças contraditórias a esse contexto. Entretanto, as Paisagens Culturais não escondem a sua história tão pouco o seu passado.

Palavras Chave: Paisagem Cultural; Garimpo na Amazônia; Milagre Amarelo no Território Federal de Roraima; Patrimônio Cultural em Roraima.

Abstract

Roraima is a state marked by major conflicts, mainly the indigenous people's struggle for the right to land ownership and mining. During its construction, agendas focused on mining emerged, which served to promote population density in the territory, which would become the economic activity that drove the national integration project during the military period. Today, Boa Vista, the capital of Roraima, has visible characteristics in its Cultural Landscape, such as the allusion to the “Garimpeiro” monument, the Garimpeiro Fair, and Rua do Ouro, remnants of the golden age of mining. Describing, through facts/events, how the Cultural Landscape of the then Federal Territory of Roraima, part of the Brazilian Amazon, was characterized, is the proposal of this study based on the insertion of mining in the historical period of this corner of the mining area described in the

bibliography of Roraima as the “Yellow Miracle” (1968-1978). In the search for better results, the analysis of the current situation was chosen, as it is one of the methods widely applied in studies of social phenomena of the present/past, allowing the observation of facts, their current situation and their historical structures, and bibliographical review in the literature. It was found that the characterization of the Cultural Landscapes of Boa Vista was partly influenced by the immersion of “mining” in its historical-sociological, cultural and economic formation, and occurred partly due to a series of strategic measures and actions launched in favor of territorialization in line with the principles of the military governments. It is worth noting that there are forces that contradict this context. However, the Cultural Landscapes do not hide their history nor their past.

Keywords: Cultural Landscape; Mining in the Amazon; Yellow Miracle in the Federal Territory of Roraima; Cultural Heritage in Roraima.

1. Introdução/Justificativa

Hino de Roraima

*Amazônia do Norte da Pátria!
Mais bandeira para o nosso Brasil
Caminhamos sorrindo, altaneiros
Almejamos ser bons brasileiros
Tua flora, o minério e a fauna
São riquezas de grande valor*

Letra: Dorval Magalhães¹ grifo da autora

Um Estado imerso em questões culturais, históricas, antropológicas sociológicas, econômicas, ambientais e políticas, assim é Roraima, um campo minado que se transforma em um imenso laboratório das Ciências Humanas e da Natureza, para aqueles cujo desafio é aprofundar-se na busca eminente de conhecimentos capazes de converter fragmentos da história em pesquisa científica, cuja temática sejam as suas Paisagens Culturais.

[...] Somente a extensão territorial, com seus acidentes e riquezas naturais, somada ao povo que a habita, não configuram de fato o Brasil, nem correspondem a sua realidade. Há que computar também, na área imensa povoada e despovoada, as realizações subsistentes dos que a ocuparam e legaram às gerações atuais: a produção material e espiritual duradoura ocorrida do **norte ao sul** e de leste a oeste do país, constituindo as edificações urbanas e rurais, a literatura, a música, assim como tudo mais que ficou em nossas paragens, com traços de caráter nacional, do desenvolvimento histórico do povo brasileiro. (IPHAN, 2018). Grifo da autora.

A teia da formação do universo social do Território de Roraima nas décadas de 70 e 80 deu-

¹ Dorval de Magalhães (in-memorian) autor do Hino de Roraima, o qual tive a oportunidade de conhecer pessoalmente. Conhecido como Prof. Dorval, historiador, pesquisador, escritor e poeta era o neto mais novo de Inácio Lopes de Magalhães, o fundador da fazenda que originou a cidade de Boa Vista. Um fato curioso é que o Prof. Dorval iniciou sua carreira literária aos 60 anos de idade, após se aposentar, foi o primeiro presidente da Academia Roraimense de Letras, estando a frente por onze anos, era um poeta convicto. Prof. Dorval faleceu aos 92 anos em fevereiro de 2006, imortalizado pela Academia Roraimense de Letras (ARL), figura inesquecível. As informações foram gentilmente cedidas por Cecy Lia Brasil da ARL.

se devido ao grande êxodo de garimpeiros oriundos de outras regiões do país. A paisagem urbana, às formas das habitações, os comportamentos, as transações econômicas, a circulação de mercadorias, o aumento da produção pecuária. Todas essas transformações que muito influenciaram o povo roraimense, ocorreram enfaticamente no período do Milagre Amarelo. A paisagem cultural deve-se salientar que mesmo nos dias de hoje os traços do garimpo em suas paisagens culturais permanecem visíveis. Basta atentar-se para as paisagens que povoam o dia-a-dia da sociedade boavistense. Alguns historiadores identificam essa presença garimpeira através da história oral, das diversas formas de testemunhos que permitem fazer registros que, muitas vezes passam despercebido ou até mesmo renegados. É preciso usar lentes conceituais e consensuais para desvendar o universo das paisagens culturais de Roraima.

O Garimpo é uma dessas questões, pensadas e “pesadas” para sociedade, porque muitos foram os anos que se tem visto falar do garimpo em Roraima, alguns de forma equivocada, outros da mídia sensacionalista, outros são os “politiqueiros”, além das vozes que ecoam e sufocam no “silêncio” o reconhecimento de direitos reais. O estudo sobre Paisagem Cultural no Território Federal de Roraima vem de encontro a um debate sobre como se dá a construção de uma memória coletiva a partir de elementos chaves inseridos de forma direta ou indireta na formação das paisagens culturais.

É inegável a forte influência que o garimpo exerceu no Território Federal de Roraima, e o quanto este tem sido impactado em sua cultura pelo movimento garimpeiro em suas terras. Então, contribuir com a historiografia mostrando como essa sociedade se viu ladeada pelo “Milagre Amarelo” e, como a população tem reagido a esse legado. **Objetiva-se** neste estudo descrever via fatos/acontecimentos como se caracterizou a Paisagem Cultural do então Território Federal de Roraima integrante da Amazônia Brasileira, a partir da inserção garimpeira no período histórico desse rincão do lavrado descrito na bibliografia de Roraima como o “Milagre Amarelo”, em um recorte cronológico abrangendo os anos de 1968-1978. E assim, re(significar) as mudanças ocorridas na formação da Paisagem Cultural do Território Federal de Roraima, a partir da denominação do conceito de “Garimpo”.

Roraima está localizado na região mais setentrional do país (figura 1), este possui uma forte presença dos povos indígenas. O termo Garimpo estende-se muito além de sua mera denominação, perpassando questões socioculturais, ambientais, econômicas e políticas. Esses são apenas alguns dos principais invólucros do garimpo nas últimas décadas. O garimpo atravessou séculos até o avanço de sua característica de exploração territorial para desembocar no extremo Norte do Brasil.



Figura 1: Mapa do Estado de Roraima
Fonte: Google Maps imagem adaptado pela autora.

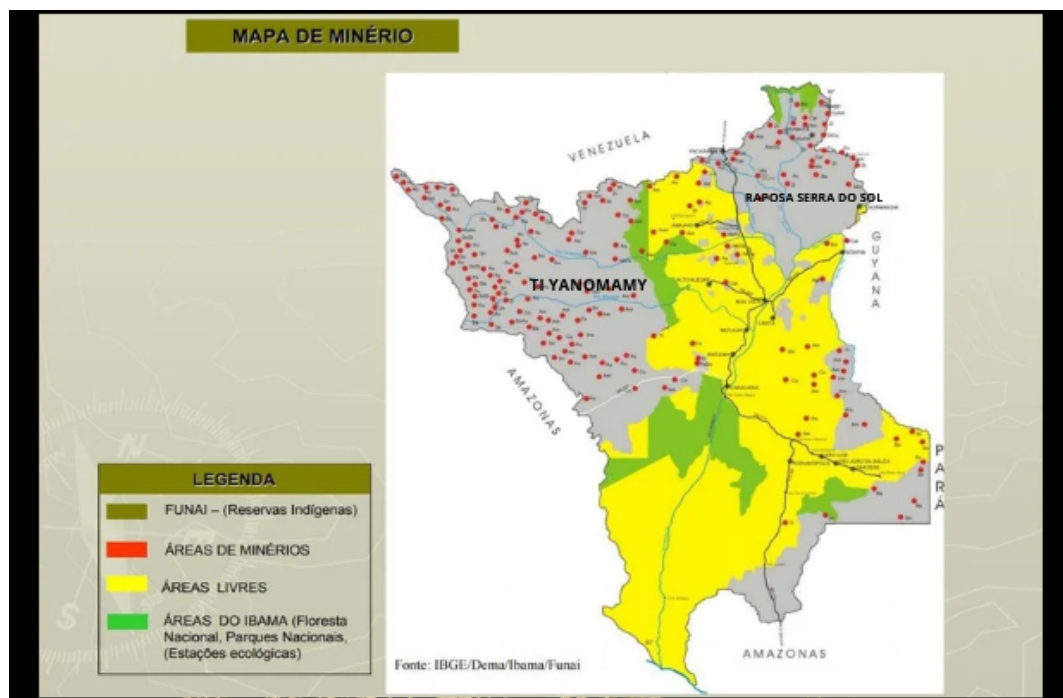


Figura 2: Mapeamento de minérios²
Fonte: IBGE

² O Mapa de Roraima com pontos em vermelho representando a localização de minérios, elaborado segundo a fonte do IBGE, foi localizado na Companhia de Desenvolvimento de Roraima (CODESAIMA), mas o site passou por atualizações e não sendo mais disponível o seu acesso. Os nomes da TI Yanomami e Raposa Serra do Sol foram inseridos pela autora. As áreas em cinza são destinadas aos Povos Indígenas de Roraima.

A partir das **políticas desenvolvimentistas** propagadas pelo governo militar para desenvolver a Amazônia, houve o fomento da ganância por ocupar e explorar a região, proporcionando grandes tragédias junto aos povos indígenas, em especial entre os anos 70 e 80, com destaque para a implantação de rodovias como a **BR-174**³ (que liga o Amazonas a Roraima), fato que proporcionou conflitos entre os Waimiri-Atroari; a implantação de **hidrelétricas, como Balbina** e o **incentivo a exploração mineral, como a mineração Pitinga (Amazonas)**. Em 1993 ocorreu o massacre de 16 Yanomami na aldeia Haximu, resultado do conflito entre índios (venezuelanos) e garimpeiros (brasileiros). Três anos depois, o caso foi julgado pela Justiça Federal, e os réus foram julgados com a tese de genocídio (SANTOS, 2021). Grifo da autora.

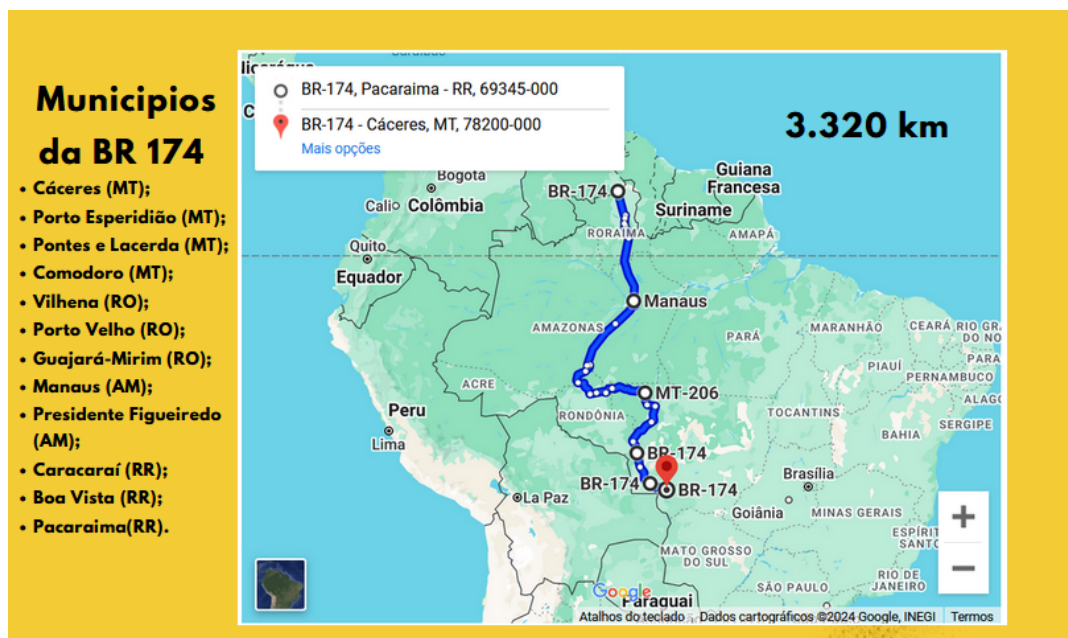


Figura 3: Mapa da BR 174⁴

Fonte: IBGE adaptado pela autora

1.1. Paisagens Culturais entre conceitos e simbologia

As paisagens culturais são espaços que se desenvolvem com a inserção das ações humanas, e vão se caracterizando através da conexão entre ambiente e pessoas.

Paisagem é uma unidade visível do território, possui uma identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contém espaço e tempo distintos – o passado e o presente –, ou seja, um acúmulo de tempos desiguais”. A adoção do conceito de Paisagem Cultural por órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio em nível nacional e internacional é recente, evidenciando uma nova lógica em relação ao patrimônio cultural. Altera-se a concepção bipartida entre as esferas natural e cultural, para uma concepção mais

³ A construção da BR-174 impactou diretamente na vida e na cultura dos povos indígenas que ali habitavam, assim como os outros megaprojetos a BR-174 levou mais de uma década e ainda não foi totalmente concluída é considerada a mais longa rodovia do país pelas estatísticas.

integradora do espaço e de seus produtores (COSTA & GASTAL, 2010).

A paisagem “envolve os elementos físicos/naturais, suas interações, assim como todas as intervenções e articulações provocadas pela ação humana”. Desse modo, compõem a paisagem os elementos históricos e culturais que sinalizam o processo organizacional dos diversos grupos sociais, construídos ao longo do tempo (CATROGIOVANNI, 2002, p. 132).

Mas as paisagens nunca têm um único significado; sempre há a possibilidade de diferentes leituras. Nem a produção, nem a leitura de paisagens são inocentes. Ambas são políticas no sentido mais amplo do termo, uma vez que estão inextricavelmente ligadas aos interesses materiais das várias classes e posições de poder dentro da sociedade. (DUNCAN, 1990) Apud (RIBEIRO, 2007).

2. Garimpo, garimpeiro e garimpagem

Segundo a Agência Nacional das Águas no Brasil (ANA) *os garimpos* são áreas extrativistas que ocorrem em depósitos de gemas, minerais metálicos ou não-metálicos valiosos, em aluvião ou aluviões, nos alvéolos de cursos d'água ou nas margens reservadas, bem como nos depósitos secundários ou chapadas, vertentes e alto de morros, sendo que para sua extração são utilizados instrumentos rudimentares, aparelhos manuais ou máquinas simples e portáteis, e produtos químicos.

Segundo critérios técnicos do Departamento Nacional de Produção Mineral o *garimpo* é a localidade onde é desenvolvida a atividade de extração de substâncias minerais garimpáveis, com aproveitamento imediato do jazimento mineral, que, por sua natureza, dimensão, localização e utilização econômica, possam ser lavradas, independentemente de prévios trabalhos de pesquisa.

A Lei nº 11.685, de 2 de junho de 2008. Institui o Estatuto do Garimpeiro no Brasil. Esta lei define os direitos e deveres dos garimpeiros. art. 2º e inciso I, cuja a especificação de *Garimpeiro* é toda pessoa física de nacionalidade brasileira que, individualmente ou em forma associativa, atue diretamente no processo da extração de substâncias minerais garimpáveis. No inciso II da mesma LEI. Para exercer a atividade, é necessário obter um título minerário, conforme o Decreto-Lei nº 227, de 28 de fevereiro de 1967. Lei nº 7.805, de 18 de julho de 1989. *Garimpagem* é o processo de extração de minérios.⁴

2.1. A Bateia

A bateia é um símbolo muito eminente do garimpo e a sua origem devota estudos mais aprofundados, visto não ter sido dos portugueses uma invenção tão inovadora para a época, porém alguns acreditavam ser, mas buscando a história mais a fundo do período colonial, encontramos algumas embora poucas fontes que relatam ter sido o negro sim o escravo vindo da África é dele o

⁴ Este termo garimpagem é reconhecido quando se trata da extração de minérios de forma manual embora se use ferramentas e alguns equipamentos não se aplica a atividade de mineração industrial.

crédito do verdadeiro criador da bateia, pois já conhecia uma técnica mais simples de separar o ouro do cascalho, de forma rudimentar ainda hoje é usada no garimpo manual. Vejamos o que nos diz o artigo de Paiva, 2002 “O viajante não deixou de registrar alguma incerteza quanto a absoluta eficiência dos métodos de amalgamar as partículas douradas, certamente desenvolvidos a partir de observação e de experiência muito antigas”.



Figura 4: O garimpeiro e a bateia

Fonte: Google imagens (garimpeiro) Bateia Museu de Goiás– adaptação a autora

Teria também um outro viajante, agora um engenheiro de minas, visitou o Brasil oitocentista entre 1810 e 1821 e provavelmente este seja um dos maiores conhecedores da mineração e dos recursos minerais do Brasil oitocentista. Barão Wilhelm Ludwig von ESCHWEGE realizou importantes registros quanto as técnicas introduzidas na mineração pelos africanos e, também, sobre as adaptações delas, processadas entre os brasileiros e como os negros escravizados dispersaram seus conhecimentos (PAIVA, 2002)

Somente mais tarde, aprendendo com a prática, principalmente depois da introdução dos primeiros escravos africanos, que já na sua pátria se tinha ocupado com **lavagem do ouro**, e de cuja experiência o natural **espírito inventivo e esclarecido dos portugueses e brasileiros logo tirou proveito**, foi que os mineiros aperfeiçoaram esses processos de extração.

Deve-se principalmente **aos negros a adoção das bateias** de madeira, redondas e de pouco fundo, de dois a três palmos de diâmetro, que permitem a separação rápida do ouro da terra, quando o cascalho é bastante rico. A eles se devem, também, as chamadas canoas, nas quais se estende um couro peludo de boi, ou uma flanela, cuja função é reter o ouro, que se apura depois em bateias. (...) O escoamento (de cascalho), a princípio, se fez apenas, ou por meio de vasilhas, ou por meio dos usuais carumbés de madeira, igualmente de pouco fundo e arredondados como **as bateias**, com a diferença de que possuem somente de palmo e meio a dois de diâmetro. Por assim dizer, a terça parte caía fora e juntava-se em seguida, ou a profundidade era tão grande, que as vasilhas passavam de mão em

mão antes de serem despejadas em cima. Só muitos anos depois é que foram introduzidas, para esgotamento da água, as velhíssimas noras, até hoje ainda usadas (PAIVA, 2002).

3. A marca do garimpo

Nos símbolos oficiais do Estado de Roraima é possível observar uma presença marcante do “*Garimpo*”, pois está estampa se faz presente em cada símbolo do atual Estado de Roraima. A primeira impressão é que estes símbolos estão permeados pela égide do garimpo, mas com um olhar mais atento é possível perceber também artefatos da cultura indígena, referências a fauna e a flora do Estado. De acordo com a lei cada um dos estados brasileiros ostenta as suas belezas e riquezas em seus símbolos oficiais, a Bandeira, o Hino, o Brasão, são símbolos de grande valor, visto que estão encravados a impressão de identidade cultural e do poder econômico de cada Unidade da Federação.



Figura 5: Símbolos oficiais do Estado de Roraima

Fonte: Gab. Civil Governo de Roraima. Adaptação dos símbolos a autora

3.1. Bandeira oficial do Estado de Roraima

Projetada por Mário Barreto, e criada pela Lei estadual nº 133 de 14 de junho de 1996, em seu art. 10 que "*Dispõe a adoção de Símbolos do Estado de Roraima*". Seu formato consiste em um retângulo com proporção (largura-comprimento) de 7:10, e seu desenho é dividido em três faixas diagonais no sentido esquerda para direita, e de baixo para cima. As cores das faixas são, respectivamente: azul turquesa, branca e verde bandeira. Próximo à parte inferior da bandeira há uma faixa vermelha estreita. No centro da bandeira, apoiada sobre a faixa vermelha, há uma estrela em ouro com dimensões que extrapolam à da faixa branca central. As principais cores da bandeira (verde, amarelo, azul, branco e a faixa vermelha) Estas cores são uma representação da integração do estado com o Brasil, separadamente cada cor simboliza algo específico a seguir: Verde:

Representado na faixa simboliza as densas matas e cerrados (lavrados); Branco: Representado na faixa simboliza a paz; Azul: Representado na faixa simboliza o céu, assim como os ares puro de Roraima; Amarelo: Representado na *estrela simboliza a abundante riqueza mineral*; além de ser a estrela de Muliphem que na Bandeira Nacional representa o Estado de Roraima. Vermelho: Representado numa linha fina simboliza a Linha do Equador que divide os hemisférios Norte e Sul. Roraima é o único Estado localizado no Hemisfério Norte. Já a bandeira com duas faixas em vermelho pertencia ao Ex-Território Federal do Rio Branco.

3.2. Brasão oficial do Estado de Roraima

Este emblema heráldico foi selecionado democraticamente através da realização de um Concurso a época instituído pelo governo do Estado, sendo o ganhador e autor do Brasão Antônio Barbosa Melo. O heraldista assim descreveu sua obra como sendo o Arroz, produto de exportação; o Arco e a Flexa armas indígenas, como forma de homenagear às tribos do estado (não específica a etnia); o *Garimpeiro*, como sendo uma *homenagem às riquezas minerais*; o Monte Roraima, pois veio daí a origem do nome Roraima que significa Monte Verde na língua indígena, por último a Garça branca, uma ave típica de Roraima, onde é possível encontrá-la em quase todos os igarapés.

3.3. Hino oficial do Estado de Roraima

Nesta premissa analisamos atentamente a letra do Hino de Roraima. Criada pelo historiador e escritor Dorval de Magalhães, e inspirada na conjectura do então Território Federal a narrativa é clara, sendo possível identificar como a economia do Estado naquele momento estava envolto ao garimpo. O autor do hino, não sabe se a pedido do governador da época, mas em algumas estrofes o autor faz alusão ao minério como algo muito próximo e de imenso valor, associando-o as belezas naturais como a fauna e a flora, enquanto o sentimento nacionalista também aflora em uma de suas estrofes, nota-se também momentos de exaltação e esperança na essência do Hino de Roraima. A construção da história que representou o forte apelo de exploração do garimpo no ex. território. Assim como tantos outros hinos dos demais estados brasileiros, buscam referenciar em cada letra de suas composições as qualidades potenciais dos Estado, a identidade cultural, o poderio econômico, o esforço laboral, a produção seja agrícola ou mineral, entre outros valores como honra, pátria e religiosidade. Em uma análise mais cautelosa encontra-se algumas evidências na construção da letra do Hino de Roraima tendo o garimpo como mola mestra das riquezas deste Estado enquanto nação. Nota-se na letra do hino de Roraima o destaque para o minério em sua primeira estrofe: “*Amazônia*

do Norte e da pátria” configurando o estado de patriotismo fazendo referência a sua estratégica localização geográfica na região norte encravado no território da Amazônia setentrional brasileira. *Caminhamos cantando*

4. Re(significando) as Paisagens Culturais do Ex-Território Federal de Roraima

4.1 Um Monumento controverso – O Garimpeiro

Um abre alas para o Monumento ao Garimpeiro, instalado estrategicamente no meio da Praça do Centro Cívico⁵ como uma forte lembrança do mineral muito cobiçado como o “ouro”. A praça também é conhecida como praça da “bola”, pois fica numa grande rotatória e em seu entorno funciona os prédios dos três principais poderes da Capital. *Executivo instalado no Palácio Senador Hélio Campos*⁶; *O Legislativo no Palácio Antônio Martins e o Judiciário no Palácio Desembargador Robério Nunes dos Anjos.*

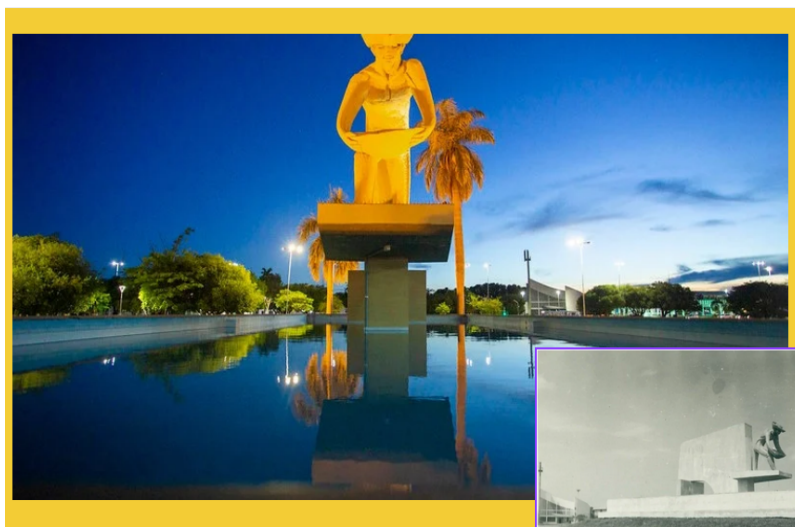


Figura 6: Monumento ao Garimpeiro na Capital Boa Vista/Roraima.
Fonte: Google imagens – adaptação a autora

⁵ A Praça do Centro Cívico e o Monumento ao Garimpeiro sediou por muitos anos um dos maiores festejos da cultura popular em Roraima o *Boa Vista Junina* que é dos movimentos quadrilheiro de Boa Vista. A Cultura junina roraimense foi destaque em Nova Iorque e também está no Guines Book como parte da culinária. Roraima entrou para as páginas por produzir a maior paçoca do mundo. Disponível em: <https://roraimaemtempo.com.br/diversao/conheca-a-historia-do-boa-vista-junina-o-maior-arraial-da-amazonia/> Acesso em: 20 nov. 2024.

⁶ O Palácio anteriormente era denominado de Palácio 31 de março, durante a Ditadura Militar vigente no país entre 1964 e 1985. Após a redemocratização passou a chamar-se de Palácio da Fronteira (em virtude da tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guyana), mais tarde novamente alterado para o atual nome Palácio Senador Hélio Campos, em homenagem ao aviador de mesmo nome, que atuou como governador foi entre 1967 a 1974, sendo um dos responsáveis por incentivar o garimpo na região, em 1991 é eleito senador por Roraima. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=441772> Acesso em: 20 nov. 2024

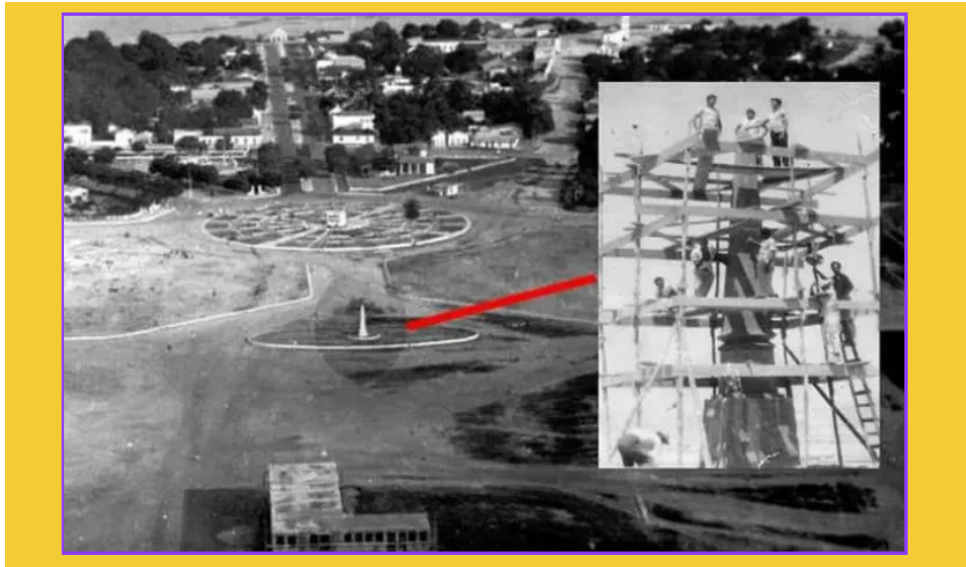


Figura 7: Praça do Centro Cívico de Boa Vista (desmonte do monumento)⁷
Fonte: Patrimônio Histórico de Roraima.

A Praça do Centro Cívico, poderia ser tombada como Patrimônio Cultural, por ser o maior armazém de memórias coletivas da sociedade boa-vistense, por serem constantes as manifestações, as revoltas, as lutas de classes, os movimentos grevistas, mas também as vitórias, as festas culturais (como o grande Arraial Junino), as posses de servidores, os desfiles cívicos, enfim não seria possível descrever tantos momentos históricos de Roraima aonde essa paisagem cultural foi inundada pela sociedade, e continua sendo. E neste local que está instalada um dos principais monumentos de Roraima. Quando indagamos seria mesmo o monumento ao “Garimpeiro” um patrimônio culturalmente incômodo? A resposta é dúbia, fazendo uma analogia com a moeda quando no velho jogo cara ou coroa o ganhador sente-se feliz e aliviado e o perdedor incomodado, assim é o Monumento ao Garimpeiro. Ocupa um lugar de destaque na paisagem cultural formando um conjunto impossível de ser ignorado, de um lado representa perdas, desastre ambiental, declínio cultural, de outro riquezas, posses, melhoria de vida(ainda que essa melhoria de vida seja o ideal que todo garimpeiro almeja) tudo depende de qual lado se está, mas independente do posicionamento de ambos os lados a questão a paisagem cultural permanece, mas o conceito de “garimpo” este sim sofre mudanças conforme o entendimento de cada setor.

⁷ Um monumento **Obelisco** foi retirado para ser substituído por outro no mesmo local da Praça do Centro Cívico o novo monumento seria o Garimpeiro.



Figura 8: Placa em homenagem aos garimpeiros do Ex-Território de Roraima
Fonte: Acervo pessoal da autora

4.2 A cultura na construção das habitações

É perceptível nesse período da arquitetura de Boa Vista algumas construções das residências. Eram casas grandes todas avarandadas em formato de “U” ou “L”, com muitos armadores (esse tipo de habitação é bastante ligada à cultura praieira da Região do Nordeste brasileiro). Muitos nordestinos fugindo da pobreza e da seca de 70 que assolava a região, desembarcavam em Boa Vista sem nenhum recurso e quando conseguiam alguns provenientes do garimpo, construía suas moradias nesse estilo. Nas habitações construídas por garimpeiros não poderia faltar armadores para atar as redes a todos que chegavam das minas e ainda não tinham local para pousar. Detalhe importante, essas casas grandes às vezes disponibilizavam apenas um banheiro, e em sua maioria na área externa da residência, no quintal, uma vez que os terrenos de construção das casas eram grandes medindo em média de 400 a 1000m².

Um outro tipo de construção neste mesmo período que cresceu bastante foram as chamadas “Estâncias” que eram quartinhos 3x3m quentes, mofados e abafados, com um teto baixo, construídos um ao lado do outro sem janelas e sem circulação de ar, às vezes com cozinha comunitária, algumas estâncias possuíam em seu interior um banheiro privativo para cada quarto, mas em outras era possível dividir um único banheiro. Os garimpeiros que estavam iniciando na lida do garimpo alugavam essas habitações e pagavam muitas vezes com ouro em pó, oriundo do suor do árduo trabalho de garimpagem. O ouro era a moeda corrente, quase não havia dinheiro em espécie naquela época, assim pagava-se um alto valor, mais do que este tipo de habitação valia realmente.

Os donos dos estâncias (muquifos) se beneficiavam dessa prática, uma vez que os gastos para manter os quartinhos eram mínimos, e o ganho era alto, pois estes ficavam meses fechados sem gastos com água ou com um bico de luz apenas, e o locatário por sua vez começava a construir outras moradias semelhantes em bairros diferentes, pois não se cobrava IPTU, e os terrenos eram baratos ou até mesmo de invasões, isto ocorria porque como território todas as terras pertenciam a União, logo, ninguém era dono dos terrenos.

4.3 A Rua do Ouro

A Rua do Ouro em Boa Vista é bastante conhecida pela população, sendo um dos destinos muito procurado por compradores de ouro e diamantes de outras regiões e estrangeiros, esta rua está localizada a poucos metros do Palácio do Governo e da praça do Centro Cívico. A Rua do Ouro é assim chamada por ter despontado no auge do garimpo, nas décadas de 80 e 90. No período do Milagre Amarelo, segundo relatos informais havia no então Território Federal de Roraima cerca de 40 mil garimpeiros em terras indígenas.



Figura 9: A Rua do Ouro em Boa Vista/Roraima
Fonte: Google imagens – adaptado pela autora.

A extração do ouro e as negociações provenientes desta atividade mineral estavam prosperando grandemente e com essa expansão surgiu a Rua do ouro por ser de fácil localização e principalmente pela instalação de locais para venda e compra do minério, em pouco tempo passou a ocupar outras vias como a Av. Benjamin Constant, rua Araújo Filho e a rua Cecília Brasil todas muito bem localizadas no Centro da cidade. Caminhando nessas ruas é possível encontrar várias lojas abertas de venda de joias e também pra compra e venda de ouro e diamantes, mas se observamos atentamente alguns desses locais não têm nenhuma identificação ou layout são o câmbio negro.

Em Boa Vista logo que o visitante chega é possível contactar com determinadas pessoas sendo perceptível que uma grande parcela da população conhece ou tem um familiar que exerce ou exerceram algum tipo de atividade garimpeira, seja na extração ou prestação de serviços no garimpo (atualmente ilegal) tais como cozinheira, carregador, montador, cabelereiro, entre outros que exercem ou exerceram alguma atividade seja na extração direta do minério ou em outras funções essenciais como a de cozinheiro(a). Esta é uma realidade constatada não apenas no passado integrando o processo de territorialização de Roraima, segue nos dias atuais, mesmo que ilegalmente.

A história revela os discursos governamentais a favor da exploração do garimpo houve um grande estímulo para o desenvolvimento do garimpo na região, e impactou como uma flexa que

acerta o alvo no desenvolvimento e povoamento da região. O garimpo seria fonte de renda certa e de riquezas para o futuro que se aproximava a ideologia do sonho do Milagre Amarelo era vista como algo realmente proveitoso e oportuno. Enquanto doravante os povos indígenas e suas comunidades se sentiam ameaçados, para os povos indígenas a leitura desse progresso soava como um futuro incerto e atemorizante.

Um contingente saído do nordeste brasileiro dia a pós dia desembarcavam no território, movidos por falsas promessas foram transportados a essa nova terra. Nesse mesmo período a fama que o território era muito rico em ouro logo se espalhou e muitos garimpeiros saiam da Serra Pelada direto para o Território de Roraima, as dinâmicas sociais e culturais estavam a todo vapor e se fortaleciam. Nesse interim novas paisagens culturais começavam a surgir como o Feirão do Garimpeiro uma alternativa viável a todos que necessitavam de materiais e instrumentos para o garimpo.

4.4 Feira do Garimpeiro ou Feirão do Garimpeiro



Figura 10: Feira do Garimpeiro na Capital Boa Vista/Roraima
Fonte: Google imagens – adaptado pela autora

Aquela paisagem cultural urbana começava a se transformar com a exploração do garimpo, abertura de novos empreendimentos comerciais (eram bem poucos a época) de materiais e instrumentos adequados para o processo de garimpagem como pás, cordas, batéias⁸. A loja mais famosa era o Feirão do Garimpeiro que tinha como proprietário o Chicão do garimpo (in memorian). Chicão construiu um barracão de madeira e comercializava um verdadeiro arsenal de espingardas, cartucheiras, balas, fumo, cachaça panelas, baldes, bacias de alumínio, utensílios de cozinha como conchas, facas e diversos itens exclusivo para a prática da garimpagem, e da manutenção da cozinha dos barracões, porque a alimentação era necessária, e com o tempo o seu Chicão permitia aos demais comerciantes abrirem novas barracas para vendas de outros produtos aos poucos foram formando ao longo da rua uma extensão da loja e transformou-se na Feira do Garimpeiro.

A Feira do Garimpeiro, é tradicionalmente conhecida, acontece todo domingo fecha-se uma das avenidas principais a General Ataíde Teive com um fluxo acelerado, pois é de acesso ao bairro-centro, centro-bairro, a partir das 18h do sábado até às 12h do domingo, na Feira do Garimpeiro o comércio é intenso e bem variado, vende-se de quase tudo como peixes regionais, frutas, legumes, carnes, aves, pimentas das mais variadas espécies, garrafadas e farinhas produzidas nas comunidades indígenas, uma infinidades de produtos da região, além de roupas, calçados, produto importados da Venezuela entre os mais vendidos e procurados estão os pirulins, e as massas para o preparo de arepas⁹. A Feira antes era constituída por populares e alguns poucos indígenas que vendia sua produção em especial as farinhas (de mandioca, tapioca, beiju) e as pimentas (jiquitaia¹⁰, malagueta, dedo de moça). Hoje a Feira é um caldeirão cultural, mistura das “gentes” com pessoas oriundas de várias regiões do país e do exterior, entre venezuelanos, haitianos, guianeses (as

⁸ A **Bateia** é um instrumento utilizado para a extração de minerais e metais no processo de Garimpo podem ser de vários materiais à prova de ferrugem, precisam ser resistentes a produtos químicos, algumas são mais pesadas outras são mais leves. Como é utilizada a Bateia no Garimpo, o uso da Bateia no Garimpo aparentemente é bem simples, coloca-se os minerais dentro dela com um pouco de água (a beira de rios e riachos) e começa o processo de agitação, através de movimentos circulares. Esse movimento irá provocar a separação dentro da cuiá (bateia) dos materiais minerais e metálicos. Os materiais metálicos ficam mais ao fundo da bateia, enquanto os demais ficam nas camadas mais altas da bateia. Aos poucos, vai eliminando os minerais, até que reste apenas os metálicos no fundo da bateia. Disponível em: <https://www.geologiabr.com/garimpo-e-prospeccao-mineral/bateias-e-cuias/bateia-de-plastico-para-garimpo-12> Acesso em: 22 out. 2024

⁹ **Arepa** é uma massa tipo um pó com coloração branca ou amarela e com uma textura bem fina feita à base de farinha de milho pré-cozida, comumente utilizada na culinária Venezuelana. No preparo se faz um bolinho frito ou assado com recheios variados, queijo-presunto, ovos, carne desfiada e manteiga. Não era muito conhecida, nem comercializada nos mercados de Roraima até a entrada maciça dos venezuelanos. Hoje já faz parte da culinária roraimense e é apreciada por muitos. Esta é uma breve definição da autora.

¹⁰ **Jiquitaia** é uma pimenta bastante usada nos pratos da culinária indígena em especial pela etnia Macuxi, geralmente preparada pela secagem da pimenta ao sol ou torrada no forno ou na pedra. Em seguida a pimenta é pisada em pilão e, na formulação atual, é adicionada uma quantidade variável de sal. (a autora)

mulheres guianeses vendem cocadas de coco e alho em bacias de alumínio). Ao brasileiro é proibido atravessar a fronteira Brasil-Guiana com alho.

Em Boa Vista, os locais de grandes vendas de pimentas são as feiras livres conhecidas por Produtor Rural, Passarão e **Feirão do Garimpeiro**. De lá o produto é vendido ao público em geral ou a atravessadores para revenda em pequenos comércios e supermercados. Quando a venda é destinada ao público em geral, ela é realizada geralmente na base do “litro”, uma unidade de medida local que se refere ao volume de qualquer produto, vendido nas feiras livres, que possa caber em uma lata de óleo de 900ml. Esta unidade também é usada para outros produtos das feiras. (Feirante Dona Josina)

Pode-se até questionar porque a feira funciona no meio da rua fechando uma das principais avenidas da Capital, inclusive tentaram proibir a prática. Existem outras feiras públicas em locais construídos adequadamente para essa finalidade, tem-se a feira do município o Mercado Público São Francisco, popular, feirantes e ambulantes, uma variedade de produtos agrícolas selecionados. A cultura do Feirão do Garimpeiro é raiz. Esta autora por exemplo prefere a Feira do Garimpeiro. Muitos fazem questão de comprar lá e dizer porque gostam, como seu Domingos que já foi proprietário de restaurantes: “Eu gosto da Feira do Garimpeiro, vou todos os Domingos desde criança ia com minha mãe, eu gosto de comprar verduras bem fresquinhas, bacaba, buriti e açaí, também compro farinha e peixe tambaqui, para fazer assado na brasa”. (Feirante João de Deus)

Metodologia

Na busca por melhores resultados optou-se pela análise de conjuntura, por ser um dos métodos bastante aplicado em estudos dos fenômenos sociais do presente/passado, possibilitando observar os fatos, sua conjuntura e suas estruturas históricas, e revisão bibliográfica na literatura. Realização de entrevistas abertas e depoimento oral.

Resultados

As Paisagens Culturais no ex-Território Federal de Roraima é fruto de um processo colonizador arbitrário e de ações conjuntas para estabelecer a ganância sob a égide de proteção da Amazônia. Atualmente a produção do ouro de origem ilegal em Boa Vista não reflete em riqueza para uma grande parte de sua população, pois a maior quantidade do ouro extraído nas lavras de Roraima é “esquentando” em outras regiões, ou mesmo segue para uma rota fora do país. É fato que monumentos urbanos e denominações estão intrinsecamente relacionadas ao minério em Roraima. Após quarenta anos, as características ainda permanecem visíveis e marcantes na então

Capital Boa Vista, a *Rua do Ouro*, o *Monumento ao Garimpeiro*, a *Feira do Garimpeiro*, são algumas das marcas do garimpo que o tempo não apagou. São encontradas na Paisagem Cultural da atual Capital Boa Vista. Existe uma conexão do Garimpo a essas paisagens culturais, percebemos que Garimpo é um conceito muito maior, e as paisagens culturais envolvem a memória coletiva de um povo. A história do garimpo é presente no cotidiano da Capital e não acabou, a égide do garimpo nunca esteve tão acesa e latente como no presente. É preciso maior aprofundamento e mais pesquisas como está sobre Paisagens Culturais, pois estas revelam muito além do que os olhos podem ver, através delas em um passeio na cidade foi possível diagnosticar inúmeros processos de exploração, construção, rota de garimpo, divergências e memória coletiva e assim re(significar) o passado.

Referências

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Por que Geografia no Turismo?** Um exemplo de caso: Porto Alegre. In.: GASTAL, Susana. (org). Turismo: 9 propostas para o saber-fazer. 3ª Ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. (Coleção Comunicação, 4).

COSTA, Luciana de Castro Neves; GASTAL, Susana de Araújo. Paisagem cultural: diálogos entre o natural e o cultural. **Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**. Saberes e Fazeres no Turismo: Interfaces. Universidade de Caxias do Sul, 2010.

IBGE. **Monumento do Garimpeiro: Boa Vista, RR** Série: Acervo dos municípios brasileiros. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=441768&view=detalhes> Acesso: 30 nov 2024

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade : 31ª edição : homenagem ao Patrimônio Cultural do Norte do Brasil / **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil)** ; edição Adélia Soares; redação Glória Tega. – Brasília-DF : IPHAN, 2018. 91 p. ;

PAIVA, Eduardo França. Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo. O trabalho mestiço, p. 187-207, 2002. Disponível em: <http://www.opiniaopublica.ufmg.br/pae/apoio/bateiascamburestabuleirosmineracaoafricanaemestica gemnonovomundo.pdf> Acesso em: 05 dez 2024

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Iphan, 2007.

SANTOS, Eder Rodrigues; MATTIONI, José Victor Dornelles; FALCÃO, Márcia Teixeira. Extração Mineral e Conflitos: Ensaio Geo-Histórico do Garimpo Ilegal nas Terras Indígenas no Extremo Norte Brasileiro. **Geographia Opportuno Tempore**, v. 7, n. 1, p. 104-119, 2021.

Sites

Coletânea de Artigos Patrimônio Cultural de Roraima. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/COLET%C3%82NEA%20DE%20ARTIGOS%20PATRIM%C3%94NIO%20CULTURAL%20DE%20RORAIMA.pdf> Acesso: 30 nov. 2024

Como o monumento ao garimpeiro e rua do ouro em Roraima tem história de apoio a

atividade ilegal projeto de estado dizem pesquisadores Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2023/02/16/com-monumento-ao-garimpeiro-e-rua-do-ouro-roraima-tem-historia-de-apoio-a-atividade-ilegal-projeto-de-estado-dizem-pesquisadores> Acesso: 23 out. 2024

Conheça a história do Boa Vista Junina, o ‘Maior Arraial da Amazônia’ Disponível em: <https://roraimaemtempo.com.br/diversao/conheca-a-historia-do-boa-vista-junina-o-maior-arraial-da-amazonia/> Acesso em: 20 nov. 2024

CODESAIMA Disponível em: <https://codesaima.rr.gov.br/estrutura/> Acesso: 13 dez. 2024.

Coluna Francisco Cândido A minha rua fala **A Importancia dos Simbolos e Monumentos 390** Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/colunas/a-importancia-dos-simbolos-e-monumentos-390/> Acesso 30 nov. 2024.

Eis o mapa das minas de Roraima!!! Sobre elas, povos vivem na miséria... e o Brasil não ganha nada com isso Disponível em: <https://www.noticiasagricolas.com.br/videos/politica-economia/242573-eis-o-mapa-das-minas-de-roraima-sobre-elas-povos-vivem-na-miseria-e-o-brasil-nao-ganha-nada-com.html> Acesso: 20 nov. 2024

Roraima tem mais de 600 itens considerados patrimônios históricos. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/politica/roraima-tem-mais-de-600-itens-considerados-patrimonios-historicos/> Acesso: 30 nov. 2024.

Praças de Boa Vista. Disponível em: <https://boavista.rr.gov.br/noticias/2021/11/pracas-de-boa-vista-verdadeiras-atracoes-para-quem-gosta-de-lazer-cultura-e-esportes>. Acesso em: 03 dez. 2024

Símbolos oficiais do Estado de Roraima. Disponível em: www.portal.gov.rr Acesso em: 02 dez. 2024

MUSEU de Goiás. Ouro granulado Disponível em: <https://museusibramgoias.acervos.museus.gov.br/museu-das-bandeiras/ouro-granulado/> Acesso em: 22 out. 2024